

Trilogia do tempo

Doc Comparato
O círculo
das luzes

teatro



Trilogia do tempo

Doc Comparato
O círculo
das luzes

teatro



SGAE N° 10.590.552 © REG N ® 823008819

O círculo das luzes

Uma peça de teatro de Doc Comparato ©

Peça teatral da trilogia do tempo

Rio, julho, 2002

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br

E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-051-2

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](http://www.simplissimo.com.br)

O círculo das luzes

Uma peça de teatro de Doc Comparato ©

Registrado SGAE e ABRAMUS.

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente.

E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilógicas, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem, Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

Contexto histórico e social

Molière brilhou na França no século XVII, concretamente entre os anos de 1665 e 1673, sob o reinado do Rei Luis XIV, o rei sol.

Na primeira parte de seu reinado Luis XIV pacifica a França, que acabara de sair da guerra civil, consolidando o estado Francês como mentor da paz e da prosperidade. Seus súditos passam a trabalhar em função de uma ascensão social e econômica antes nunca vista ou desejada.

Palácios são construídos, outros redecorados e Paris tem sua arquitetura redimensionada e embelezada. Torna-se o centro do mundo ocidental.

É nesta época que a cozinha francesa alcança seu estilo mais refinado, junto com uma etiqueta férrea e sofisticada. Uma onda de civilidade e prazer chega através da invenção da champanhe, do ballet e do teatro musicado.

Os costumes são liberados, os duelos ficam proibidos e aprende-se a fumar, tomar café, chá e chocolate.

Uma euforia toma conta do comércio e indústria, a França enriquece.

Culturalmente se assiste ao nascimento de alguns dos melhores dramaturgos de todos os tempos, Molière, Corneille e Racine, de escritores e pintores com a importância de Boileau, La Fontaine e La Tour, e também de outras tantas mediocridades que contextos culturais entusiasmados sempre propiciam.

Na segunda metade de seu reinado Luis XIV se lança nas guerras de conquista, e o espírito da sociedade francesa torna-se épico. Ou melhor pomposo, pedante e imperialista.

É justamente durante essa passagem que Molière brilha e morre. Vendo o hedonismo transmutar-se em ritos solenes, a busca pelo prazer em procura da glória, o culto do riso pelo culto da tragédia.

É durante essa mudança que a peça transita.

Prólogo

Fui ao México a convite do Sundance Institute para dar consultoria na escolha da safra de roteiros para serem produzidos no ano dois mil. E aproveitei a viagem para assinar o contrato da edição mexicana do meu livro “Da Criação ao Roteiro”, também viajei com a intenção de vender minha peça “Nostradamus”.

Como sempre acontece estava completamente enganado sobre o real motivo de minha viagem.

Proclamando-se um ser racional, o homem pensa certezas absolutas para ir a um determinado local ou tomar certa atitude. Na maioria dos casos esse motivo principal e claríssimo a princípio se mostra com o passar do tempo um mero pretexto.

Cabe então ao destino desfazer o engano e revelar ao homem a verdadeira razão daquela ação: a essência do porquê. E humilhado o ser humano reconhece que não foi ao mercado da praça para comprar hortaliças. Foi casar. Mudar de vida, de cidade, infringir a lei. Tornar-se um cínico. Prostituir sua filha, ou morrer por acaso.

Assim fui ludibriado pela vida, pela arrogância de que sou capaz de controlar meus próprios passos porque sou dono de um propósito, de uma vontade. Enfim ao deixar o México descobro o real motivo de minha viagem: no avião leio um texto sobre Molière.

As palavras detonaram em mim uma incrível vontade de escrever teatro e serviram de trampolim para a criação da peça “No círculo das Luzes”.

Releio o que escrevi a procura de “não-sei-o-que” para dar um desfecho a esse prólogo. Talvez para encontrar uma razão porque insisto em escrever teatro, em ser dramaturgo num país que desconsidera tanto o autor nacional.

Ou ainda em apostar numa dramaturgia concentrada nas palavras (porque acredito no texto), em colocar vários personagens no palco (porque não tenho talento para escrever monólogos), e por discutir conflitos (em plena moda dos esquetes em cena).

Nesse momento o telefone toca comunicando que acabo de ser escolhido membro do Pen Club (Associação Mundial de Escritores). Uma onda de satisfação, alegria e medo invade minha alma. Como um aplauso me promove a sensação de que vale a pena escrever teatro.

Doc Comparato

Sobre o espetáculo

PERSONAGENS

Molière	Gonçalo/Pajem (feitos pelo mesmo ator)
Racine	Baron
Armande	Rei Luis XIV
Madelaine	General
La Fontaine	e Lully (músico)
Bispo	e a pleiade de insignificâncias e mediocridades (grupeto de atores, bonecos ou silhuetas) (opcional)

CENOGRAFIA

Imagino a cenografia central como sendo o palco do teatro Port Royal, mas na sua parte interna. Em outras palavras, um palco ao contrário. Assim a verdadeira platéia se torna o cenário do palco do Royal. Vemos portanto cochias, camarins, cordas, etc.

A luz tem papel preponderante para criar as atmosferas que o texto exige.

Por tudo isso sugiro uma cenografia despojada, mas criativa em se tratando da luz e componentes cênicos isolados.

FIGURINOS

Os figurinos devem acompanhar os dois momentos presentes na peça (aliás essa observação serve também a cenografia, luz, música, direção e atores).

Até a cena 12 a peça deve fluir no ritmo de uma comédia ligeira, bem ao estilo de Molière. Logo os figurinos devem acompanhar esse tom leve, informal e alegre.

Já na segunda fase do espetáculo o texto torna-se dramático, a atmosfera sombria e a encenação contida e séria. Nesse momento figurinos pesados, cheios de brocados e escuros são os mais indicados.

NOTA FINAL:

Cada cena, além de numerada, foi titulada como se fosse um quadro dramático. Fica a critério da concepção do espetáculo a utilização desse material. A peça é de um ato.

“Enquanto o autor não termina seu trabalho, ninguém tem trabalho.”

Robert Towne

“Conselho aos dramaturgos. Tente ser original na sua obra e tão diligente quanto lhe seja possível, mas não tenha medo de se mostrar pateta pois devemos ter liberdade de pensamento. Lembre-se a que brevidade é irmã do talento. Que moscas purificam o ar, e as obras a moral.”

A. Chekov

“A comédia está acabada” (La commedia è finita).

Ruggiero Leoncavallo

Para todo aquele que não limita a vida a uma comédia ou tragédia, mas reconhece na existência uma intrincada dramaturgia.

Em memória de minha mãe Maria de Lourdes e meu pai Antonino

Doc Comparato

Sumário das cenas ou quadros dramáticos

Cena 1 - Um mestre de cerimônia quase solene

Cena 2 - Chuva de risos no Port Royal

Cena 3 - Uma mancada atravessa o palco

Cena 4 - Proposta indecorosa no camarim de Molière

Cena 5 - As surpresas do vinho com ar

Cena 6 - Milagre banal no banho termal

Cena 7 - O chicote da traição

Cena 8 - A vida não é cor-de-rosa

Cena 9 - Realidade e fantasia em vinte centímetros

Cena 10 - Dos suplícios às delícias

Cena 11 - A barafunda, a farsa e o bispo

Cena 12 - Sexo, nero e violino

Cena 13 - O colibri cai nas garras do gavião

Cena 14 - O efeito imprevisível da hipnose

Cena 15 - Tristezas aos bocados

Cena 16 - Amargo chá da academia de letras

Cena 17 - Oh! que delícia de guerra

Cena 18 - Um lugar abstrato no meio da rua

Cena 19 - Reviravoltas no climax da história

Cena 20 - Morrer com molière e ser feliz

Mesmo baseada em fatos reais e históricos, essa peça é inteiramente de ficção.

D.C.

CENA 1 - Um mestre de cerimônia quase solene

Tudo escuro.

Um círculo de luz corre o palco.

RACINE

Luz!

O foco de luz se projeta sobre Racine, um homem altivo e com ares épicos. Usa uma casaca de brocados. Discursa com deleite. Um intelectual que desfruta da elegância de seu próprio pensamento.

RACINE

Estou convencido de que para se escrever uma obra de teatro, o autor necessita essencialmente de dois personagens que sejam rivais e inimigos. A partir da discussão entre eles, a encarnem interesses e ambições irremediavelmente opostas, e que vivam um conflito crucial. Não se precisa de muito mais... Talvez uma cadeira para um dos protagonistas se sentar.

Um outro círculo de luz ilumina uma cadeira onde vemos Molière, cabelos esbranquiçados, vestindo um camisaõ branco, sujo de sangue.

RACINE

Para florir o espetáculo, um grupo de personagens secundárias cuja lealdade se divida entre as duas forças antagônicas.

Ao fundo do palco aparece, em silhueta, ou em sombras, os três atores da trupe de Molière e também as quatro figuras do séquito real, ou a chamada plêiade de ilustríssimas mediocridades (opcional). O espaço cênico se preenche de sombras e luzes.

RACINE

Ah! E música. Para sublinhar certos sentimentos e passagens.

Luz sobre o músico Lully que toca algo gracioso por instantes.

RACINE

Sempre será conveniente que os costumes da época retratada sirvam de pano de fundo para o grande duelo entre os dois rivais. E foi por isso que quando Sua Majestade, o Rei Sol da França, me encomendou um drama em homenagem ao nosso amado e recém-falecido Jean-Baptiste Poquelin Molière, naturalmente pensei que o autor só poderia ser eu mesmo, Jean Racine! O oposto de Molière. Então, pela minha mente, o círculo do imaginário se iluminou e vi passar o nosso admirado mestre, com todos os traços de sua graciosa presença e colorida personalidade.

MOLIÈRE

Hipócrita.

RACINE

Tentarei ser o mais justo, o mais verdadeiro...

MOLIÈRE

Ingrato.

RACINE

E o mais imparcial possível.

MOLIÈRE

Pomposo, puxa-saco, um merda.

Molière caminha com seu círculo de luz na direção de Racine.

RACINE

Mestre, por favor! Pelo menos, me deixe terminar o prólogo.

MOLIÈRE

Conseguiu colocar Paris inteiro contra mim. Logo eu que comprei sua primeira roupa decente! Ensinei a montar um drama com atores, a comportar-se na corte, a fazer amor com uma mulher que não fosse uma puta!

RACINE

Algo também deve ter aprendido comigo.

MOLIÈRE

Sim, como ser um canalha.

RACINE

Abri seus olhos. Aprofundei sua arte. Fiz o senhor enfrentar a gravidade da vida.

MOLIÈRE

Não seja ridículo! No primeiro dia que te vi, trazia até um buraco na casaca e que era dois números menor. Parecia um caipira exprimido! É muita pretensão acreditar no poder soberano da arte. O homem é um nada! Você sempre foi e será um nada.

RACINE

Vinha do interior. Um rapaz cheio de sonhos e de ideais! E o que foi que encontrei? Setecentas pessoas rindo, mostrando a língua, arreganhando os dentes até a epiglote. Uma platéia inteira revelando a mais obscena animalidade e tudo por causa de uma peça de Molière.

As silhuetas começam a rir e a se movimentar.

MOLIÈRE

Eles estavam felizes. Foi uma noite gloriosa, naquela primavera de 1664.

RACINE

Foi o princípio do fim. Do seu fim.

Uma chuva de pétalas de rosas cai sobre Molière enquanto as luzes se apagam lentamente. A música de Lully toma conta.

Racine retira a luxuosa casaca e a peruca. Vemos que, por baixo, veste outra, gasta e apertada.

Molière retira a peruca esbranquiçada, veste um manto acetinado, enquanto a cortina do fundo do palco se abre como se fosse uma grande boca de cena.

Em outras palavras, a platéia verdadeira torna-se cenário do palco do teatro Palais-Royal. Vemos coxias e bastidores.

CENA 2 - Chuva de risos no Port Royal

Dez anos antes. Tanto Racine como Molière estão mais jovens. Racine corre para a coxia e se junta ao seu irmão Gonçalo, também recém-chegado do interior. Molière vai para o palco e se ajoelha, junto com sua trupe, para receber os aplausos dos quatro membros do séquito real (ou plêiade de ilustríssimas mediocridades).

A trupe de Molière é composta pela jovem e bela Armande, Madeleine, uma quarentona de beleza madura, e Baron, o jovem e atlético ator da companhia.

Na coxia.

RACINE

Pelo amor de Deus! Me ofende tanta vulgaridade!

GONÇALO

Meu querido irmão, é uma comédia. Deixa as pessoas felizes!

RACINE

É uma peçinha ordinária! Falta grandeza, transcendência e conteúdo. Falta tudo! A França está em perigo com um Rei que acha graça nessas baixarias.

GONÇALO

Meu Deus! Eu não acredito! É ele! Olha o Rei entrando...

O Rei Luis XIV, sorrindo e aplaudindo, se junta ao seu séquito, acompanhado do Bispo, do General e de La Fontaine. Ele se coloca frente a Molière.

No palco.

REI

Bravo, Molière! Que brio! Que... Que... Qual a palavra que busco, La Fontaine?

LA FONTAINE

O texto é engenhoso como um esquilo, leve como uma borboleta e atilado como um gavião!

REI

La Fontaine...

Na coxia.

GONÇALO

Quem é aquele?

RACINE

La Fontaine. Um escritor de fábulas de asnos e formiguinhas. Em seguida, o Bispo e o General. Ou melhor, a plêiade de ilustríssimas mediocridades. Ah! A França precisa de mim, irmão. Precisa de um César das letras.

GONÇALO

Será que a França sabe disso?

RACINE

Eu sei. É o suficiente!

GONÇALO

Você tem um buraco na casaca.

RACINE

Santo Deus! Tia Berenice tinha costurado...

GONÇALO

Ponha o dedo no buraco. E ande empinado, com um ar aristocrático. Ninguém vai notar.

No palco

REI

Diria que o bom dramaturgo é aquele que sabe olhar para seu semelhante com graça.

BISPO

Diria, se vossa majestade me permite, que essas damas atrizes deveriam cobrir seus decotes escandalosos na frente de um príncipe da igreja.

O Rei e La Fontaine entregam seus lenços para Armande e Madeleine que imediatamente cobrem seus decotes.

BISPO

Ainda diria, se vossa majestade me permite, que não encontrei graça nessa peça de Molière. A graça, sob o ponto de vista da religião, é fruto de um sofrimento extremo, logo, despojado de todo prazer carnal e destituído de gozos mundanos.

REI

Onde Sua Reverendíssima quer chegar?

BISPO

Que Molière está longe de atingir a graça divina, majestade. Possui fama, dinheiro e mulheres. O que mais um ser humano poderia desejar? Agora suponhamos que Molière perdesse tudo. Será que continuaria rindo? Fazendo do mundo uma comédia? Ou será que ele estaria mais próximo da verdadeira graça?

O Rei não sabe o que responder. Olha para La Fontaine.

LA FONTAINE

Se me permite, majestade, diria que a visão de mundo de um verdadeiro artista merece admiração e respeito. Neste caso, o riso, a graça, de Molière não está aí somente para provocar gargalhadas nas hienas, mas também...

REI

La Fontaine, esses bichos estão começando a me incomodar...

LA FONTAINE

Molière é feliz não porque faz do mundo uma comédia, Majestade, mas porque enxerga melhor do que ninguém a comédia que há no mundo.

BISPO

Não! Ele é feliz porque o seu teatro licencioso, vulgar e apelativo atrai as massas e lhe traz uma quantidade assombrosa de dinheiro. Quanto aposta, La Fontaine?

LA FONTAINE

Aposto quinhentas moedas de ouro que Sua Reverendíssima está denegrindo a genialidade de Molière.

GENERAL

Estou com o Bispo e aposto mil moedas de ouro! Desculpe, em que estamos apostando?

BISPO

Estamos apostando que a alegria de Molière não tem nada a ver com a sua suposta genialidade. Que em circunstâncias trágicas ele seria incapaz de ver o homem como vê hoje.

Na coxia

GONÇALO

Não estou entendendo nada.

RACINE

É muito simples: o Bispo quer apostar se frente a um abismo de infelicidade Molière continuará rindo e escrevendo suas piadas. Gonçalo, preciso conhecer esse Bispo! Tive uma idéia. A carta, a carta de apresentação!

GONÇALO

Mas ela é para o pároco de uma igreja de bairro e não para um bispo!

No palco

BISPO

Quem mais vai apostar?

REI

O que acha dessa aposta, Molière? Deseja pôr em risco a sua própria felicidade?

MOLIÈRE

Aposto, majestade, que para ser eternamente feliz só preciso de sua permissão para mudar de joelho. Não agüento mais ficar sobre esse aqui.

Todos riem.

REI

Permissão concedida.

MOLIÈRE

Trupe! Meia volta volver!

Molière e sua trupe mudam de posição trocando de joelhos.

BISPO

Quem ousaria apostar cinco mil luíses de ouro contra a felicidade eterna de Molière? Quem compra a minha aposta?

REI

Eu compro. Cinco mil. Nenhum golpe do destino seria capaz de tirar o brilho cômico de Molière. Continue me surpreendendo, Molière. Não quero perder a aposta.

MOLIÈRE

Assim prometo, majestade!

Luz cai resistência, enquanto música de Lully toma conta.

CENA 3 - Uma mancada atravessa o palco

A cortina do teatro se fechou. Madeleine, com elegância e beleza madura, está conversando com Racine. No meio dos murmúrios, risadas de ambos. Racine mantém o dedo no buraco da casaca, fazendo uma pose aristocrática.

RACINE

A senhora como atriz é de um talento invejável.

MADELEINE

Monsieur Racine...

RACINE

Madame Molière. *(beija a mão de Madeleine)* Admiro seu filho enormemente. Bendito seu ventre que deu luz a um gênio. E então, ele poderá me receber?

MADELEINE

Ele irá recebê-lo agora mesmo.

Eles caminham.

MADELEINE

Só uma pequena correção, monsieur Racine. Não sou a mãe de Molière. Somos casados há vinte anos.

Racine começa a fazer um pequeno tique nervoso com a boca.

MADELEINE

Não diga nada. É o mais sábio. O que é isso?

RACINE

Os ingleses chamam de tic. É uma contração muscular involuntária.

MADELEINE

O Monsieur vai precisar muito desse tic se pretende viver na corte.

Luz cai em resistência. Música de Lully.

CENA 4 - Proposta indecorosa no camarim de Molière

O camarim de Molière se ilumina. Ele tem sua camisa branca desabotoada, aberta no colarinho e punhos. A jovem Armande está sentada sobre uma mesa, numa pose sensual. As mãos de Molière sobem pelas pernas dela.

ARMANDE

Posso pedir o que quero?

MOLIÈRE

Pode, Armande. Devo a você esse fervor e essa irrefreável potência!

ARMANDE

Irrefreável potência!?

Molière a abraça enquanto beija seu pescoço e colo.

MOLIÈRE

Vou te transformar na atriz mais famosa da França. Não, da França não. Da Europa, do mundo, do universo! Tenho uma surpresa para você: um padre irá nos casar.

ARMANDE

Quando?

MOLIÈRE

Hoje, à meia-noite.

Armande se afasta.

ARMANDE

Não. Hoje não. Mudei de idéia.

MOLIÈRE

Como mudou de idéia!?

ARMANDE

Não me interrompa. Você sempre me interrompe. Explico. Não me interrompa que eu explico.

Silêncio.

MOLIÈRE

Esperei. E então?

ARMANDE

Não me interrompa, estou procurando as palavras!

Do outro lado do cenário se ascende uma luz tênue sobre Madeleine e Racine que caminham praticamente em “slow motion” e com as mãos em concha em torno das orelhas (como quem tenta escutar uma conversa).

MOLIÈRE

Não se apresse, delas depende seu futuro.

ARMANDE

Quero continuar assim: sua amante em segredo. Mamãe vai me matar ou se matar, se ela souber de alguma coisa.

MOLIÈRE

Armande, sua mãe e eu não fazemos amor há anos. Sabe o que fazemos na cama? As contas do teatro.

ARMANDE

Ela sempre foi ótima em matemática.

MOLIÈRE

Será que você não entende? Como posso enganar Madeleine se ela não é minha esposa de verdade? Quer dizer, nós nunca nos casamos na igreja.

ARMANDE

Mas por que logo eu, a filha dela?

MOLIÈRE

Porque me encantei por você desde quando vi seu primeiro olhar sensual, desde quando seu cheiro mudou de criança para mulher. Armande, não tenho sífilis por milagre, porque já tive todas as mulheres do mundo. E afinal, não sou seu pai, merda, apenas me juntei com sua mãe!

ARMANDE

É meu padrasto!

MOLIÈRE

Você carrega nosso filho no ventre. Quer que ele seja um bastardo?

Nesse instante, Madeleine, acompanhada de Racine, bate na porta.

ARMANDE

É ela! Descobriu tudo, vai me matar, ou se matar!

MOLIÈRE

Faça como no teatro, se esconda.

Armande corre para atrás do biombo. Molière vai abrir a porta. Armande dá um gritinho.

ARMANDE (OFF)

Molière!? O que significa isto, afinal?

MADELEINE

Não se preocupe. Não vou entrar.

MOLIÈRE

É um afrodisíaco efervescente!

Molière abre a porta dando passagem a Racine. Madeleine mostra um saco de pano pequeno e escuro para Molière.

MADELEINE

Prefiro preparar um café para mim.

Madeleine se retira. Luz cai. Música.

CENA 5 - As surpresas do vinho com ar

Molière enche três taças de champanhe, entrega uma a Racine enquanto passa outra para atrás do biombo. A mão de Armande recolhe a taça enquanto dá uma risadinha.

RACINE

Seu incomparável gênio me deslumbra! Morro de admiração pelo senhor.

MOLIÈRE

O que você achou de Sua Reverendíssima, o Bispo, medindo o decote das minhas atrizes, sofrendo ao ver as pessoas se divertindo e, ainda por cima, apostando cinco mil moedas de ouro na desgraça de um pobre ator como eu?

ARMANDE

Essas bolinhas de ar estão me dando uma comichão entre as pernas...

MOLIÈRE

São as surpresas do vinho branco com ar. Uma novidade criada pelos champanheses.

Escuta-se nova risadinha de Armande.

MOLIÈRE

(para Racine) Como pode deduzir, tenho um compromisso em seguida.

RACINE

Gostou?

MOLIERE

Do que?

RACINE

Da minha tragédia.

MOLIÈRE

Sim, li sua tragédia e... Gostei muito. Como diria... é... muito trágica! O estilo lembra Corneille, não acha?

RACINE

Corneille? Mas o senhor vai me montar?

MOLIÈRE

(rindo) Montá-lo?! Em que sentido?

Risinhos excitados de Armande, que vai dependurando no biombo peças de seu vestuário, tais como: sutiã, espartilho, ligas, etc. Racine mantém-se sério.

MOLIÈRE

Desculpe. Foi uma piada. Falemos sobre seu texto. É sua primeira tragédia, suponho.

RACINE

Segunda. A primeira levei para a Companhia Teatral du Marais.

MOLIÈRE

Excelentes trágicos, aqueles judeus. Sempre dão bons conselhos. Se alguém entende de tragédia são os judeus.

RACINE

Eles queimaram minha peça.

MOLIÈRE

Ah! Os artistas também podem ser cruéis.

A cabeça de Armande aparece por cima do biombo. Ela fala e some.

ARMANDE

Ande logo, meu piolhão.

RACINE

Piolhão!?

ARMANDE

A comichão está subindo pelo corpo!

MOLIÈRE

Ah! O vinho com bolinhas de ar está fazendo efeito! De que falávamos...
Monsieur Racine. Racine, não é mesmo?

RACINE

Às suas ordens. Por favor, seja brutalmente sincero comigo. Tenho talento?

MOLIÈRE

A última vez que apresentei uma tragédia, o público me atirou maçãs podres. A temporada foi um desastre e terminava cada espetáculo cheio de hematomas. Sua tragédia, como dizia, me fascina mas...

RACINE

Faço qualquer coisa! Estou até disposto a adequar meu texto à sua personalidade.

MOLIÈRE

É um risco muito grande.

RACINE

Por favor, monseiur Molière, corra o risco de montar um texto de minha autoria. Por piedade, me monte!

MOLIÈRE

De novo essa história!?

Armande, seminua, sai detrás do biombo.

ARMANDE

A comichão está saindo pela minha boca!

Luz cai rapidamente, enquanto densa fumaça explode sobre o palco.

CENA 6 - Milagre banal no banho termal

O local da densa fumaça se transforma no banho termal. Um alçapão se levanta de onde sai o General, enrolado em toalhas e vapores. Racine e Gonçalo se aproximam.

GENERAL

Flandres. O problema da França é Flandres, jovem escritor. Não concorda?

RACINE

Flandres.

GENERAL

Flandres é um território do Império Espanhol, na borda do mar do Norte. Um território que serviu várias vezes de trampolim para os inimigos da França. Por ali, qualquer pirata invade nosso solo pátrio. Flandres pertence ao nosso Rei Luís XIV por direito divino e é nosso dever conquistá-la a todo custo, com mosquetes, baionetas, canhões e um exército numeroso, disposto ao combate. Então, jovem autor, me pergunte: o que detém o nosso Rei?

RACINE

O que detém o nosso Rei, general?

GENERAL

As adoráveis damas da corte. As festas. O lançaperfume. Os bailes. Os fogos de artifício. As comédias de Molière.

RACINE

Que perda de tempo!

GENERAL

Perda de tempo precioso! A França se diverte demais. Fornica demais. Come demais. E se embriaga com essas novas e tóxicas bebidas, provenientes de povos exóticos e distantes.

RACINE

É verdade, general! Presenciei um sátiro, um libertino, blasfemo, obsceno e incestuoso, casar-se com a própria enteada, tudo por causa do vinho branco com ar! Um verdadeiro escândalo!

GONÇALO

Não exagera, Jean!

RACINE

Uma bela jovem, de inteligência levemente subnormal, que chama Molière, na intimidade, de piolhão!

GENERAL

Piolhão? Sei... E o café? Aquela coisa preta e fumegante que enlouquece as pessoas! Dizem que a bela Ninon de Lenclos tornou-se prostituta depois de duas xícaras.

GONÇALO

Também ela foi pro cais à noite tomar café com os marinheiros.

RACINE

Gonçalo!

GENERAL

Por isso apostei contra Molière. Temos que dar um jeito nele. Ele encarna o riso fácil que está arruinando os nossos homens. Chega de comédias. Chega de Molière. Temos uma guerra para lutar. Precisamos mudar o espírito da França, ensinar o valor do sacrifício e do amor à pátria. E contamos com você, Racine. De outra forma, seremos transformados em um desses povos dos trópicos, que só pensam em carnaval e sodomia!

O alçapão do General se fecha e ele desaparece. Em concomitância, uma porta se abre e vemos o Bispo, envolvido em toalhas e vapores.

BISPO

Resolvi abrir uma exceção e recebê-los durante o meu banho termal.

GONÇALO E RACINE

Obrigado, Reverendíssima. Aqui está nossa carta de apresentação.

Gonçalo, envergonhado, entrega a carta ao Bispo que a abre.

BISPO

O que sabem fazer? Dizem que um de vocês se interessa pelas artimanhas do teatro.

GONÇALO

Eu e meu irmão temos estudos superiores.

O Bispo tenta ler a carta.

BISPO

Não consigo ler nada. O vapor... todas as letras se borraram.

GONÇALO

Ainda bem.

BISPO

O que foi que disse?

RACINE

Que estamos aqui para servi-lo.

BISPO

Conhecem venenos?

RACINE

Só os mais comuns. Mas aprendemos com rapidez.

BISPO

Ótimo! Necessito que envenenem uma alma.

RACINE

Como se envenena uma alma, Reverendíssima?

BISPO

Com intrigas e maquinações. Molière se casou com sua própria enteada, contra tudo e contra todos. Curiosamente, toda segunda-feira, às cinco da tarde, uma carruagem leva a jovem esposa até o Chateau Rosé, um pequeno hotel nas cercanias de Paris, onde ela se encontra com seu novo amante.

GONÇALO

Nem bem casou, Molière já virou corno!

BISPO

Muito bem dito! Temos que transformar essa traição matrimonial numa tragédia familiar. Qual de vocês será capaz?

RACINE

O senhor disse Chateau Rosé?

BISPO

Segunda-feira, às cinco horas. Envenene a existência de Molière. Para mim tanto faz: lágrimas ou sangue. O importante é que ele sofra, faça o Rei perder a aposta e caia em desgraça. Se você conseguir, terá sua... recompensa.

Porta do cubículo termal do Bispo se fecha. Luz se apaga em resistência. Lully produz ruído de chicotadas, relinchar de cavalos e tempestade de raios e trovões.

CENA 7 - O chicote da traição

Lully faz todos os ruídos, enquanto os dois personagens se sacodem em silhueta projetada de uma lanterna mágica. (ou também pode-se utilizar um carrossel com cavalinhos coloridos) Molière e Racine estão numa carruagem, com os cavalos cavalgando. Racine chicoteia os cavalos.

MOLIÈRE

Racine! Por que chicoteia tanto os cavalos?

RACINE

Estou com pressa.

MOLIÈRE

Mas você não me convidou para dar um passeio?

RACINE

(Exibindo o tic) É o nervoso. A vida é triste. Soube que o senhor passou por momentos terríveis, que o rei lhe chamou no palácio para dar os pêsames pela morte de seu filho.

MOLIÈRE

Armande já teve vários abortos. Isso acontece. Já passou. É sempre assim: toda vez que eu leio uma tragédia, uma desgraça se abate sobre a minha cabeça.

RACINE

Não me diga! Acabei de escrever minha terceira tragédia especialmente para o senhor! Então o senhor nunca lerá a minha peça?

MOLIÈRE

Não seja tolo, Racine. É só uma piada. Você é um tipo raríssimo que não sabe rir. Deve sofrer do fígado.

Escuta-se cinco badaladas de um sino.

RACINE

Cinco horas.

MOLIÈRE

E daí? Hora do chá?

RACINE

O senhor é um cornudo!

MOLIÈRE

Como assim?

RACINE

Agora mesmo, às cinco em ponto, Armande está oferecendo seu corpo para um robusto amante aqui, no Chateau Rosé.

MOLIÈRE

Mas por que está me contando isso? Tem algo a ver com a sua peça? Já sei!
É a sua terceira tragédia!

Tudo escuro. Silêncio.

CENA 8 - A vida não é cor-de-rosa

Um enorme armário cor-de-rosa se ilumina no palco. Molière e Racine se aproximam.

RACINE

Cuidado, mestre, seja discreto. Flagrante!

MOLIÈRE

Meu coração vai parar de tanta tristeza. Estou suando. É a febre da traição. Sinto que vou morrer. *(tosse)* Que falta de ar!

RACINE

Tenha coragem, mestre.

Molière entrega uma bolsinha de couro, cheia de moedas, para Racine.

MOLIÈRE

Jean! Você se deu conta de que temos o mesmo nome, que somos xarás!?

RACINE

Que admirável coincidência! Mas para que esse dinheiro?

MOLIÈRE

É para comprar uma casaca decente e sem remendos. Também calças e sapatos. Nunca vou me esquecer de sua amizade, Jean. A próxima peça que eu encenar, será de sua autoria.

RACINE

Obrigado, Mestre. Agora veja o pecado de Armande!

Subitamente, do fundo, nasce um foco de luz cor-de-rosa que vai atingir o outro lado do cenário, onde vemos Armande fazendo amor com um homem inidentificável.

RACINE

Não é asqueroso? Repugnante? Sujo?

Molière olha para Racine.

MOLIÈRE

Racine, como todos os homens, caí na tentação de me casar sem pensar nas consequências. Acontece que minha adorável esposa quer apenas viver a vida. O que me resta senão ser filósofo e rir do que deveria chorar?

RACINE

Quem não enfrenta a gravidade da vida não merece ser chamado de homem!

MOLIÈRE

Mas é tão gracioso ver Armande fazendo amor!

RACINE

Pois veja com outros olhos!

Foco de luz cor-de-rosa retorna. O casal muda de posição e vemos que é Baron, o ator da trupe de Molière, o amante de Armande.

MOLIÈRE (OFF)

Não pode ser! É impossível!

Racine retira uma garrucha de seu bolso e a prepara.

RACINE

Até que enfim os cornos lhe pesaram na cabeça! A tragédia se aproxima do clímax.

Molière vai para o proscênio.

MOLIÈRE

Uma vez apareceu na corte uma pianola que tocava sozinha. A rainha mãe, frente ao milagre, desmaiou. Imediatamente se descobriu o truque. Era um órfão que vivia dentro da pianola. Para não caparem o menino, eu o adotei, eduquei e o converti no maior galã da comédia francesa. E aí está ele. Baron!

RACINE

Baron! Quem diria, mestre! Ele merece a morte. Tome a garrucha e acabe, de uma vez por todas, com o adultério de Armande e com a ingratidão de Baron!

Racine entrega a garrucha para Molière que, sem hesitar, aponta-a para o casal de amantes.

Foco cor-de-rosa se desfaz e o ambiente se torna intensamente vermelho. Molière se aproxima da cama com a garrucha em riste, Armande grita, enquanto Baron fica em pé, completamente nu.

Molière atira.

Um sangue espesso desce pelo corpo atlético de Baron.

Música intensa. Baron se contorce numa convulsão mortal.

O cenário e os atores desaparecem em torno de Molière.

Ele fica sozinho e perplexo, segurando a garrucha enfumaçada.

CENA 9 - Realidade e fantasia em vinte centímetros

Molière estático, entra Madeleine trazendo um cachimbo aceso de haste longa, vinte centímetros. Coloca-o na boca de Molière. Madeleine dá uma gargalhada.

MADELEINE

Foi uma farsa, mon cher. Com a garrucha na mão e sem coragem de atirar.

MOLIÈRE

Na minha imaginação vi a cena: entrava pelo armário adentro e dava o tiro. Baron morria numa convulsão de horror.

MADELEINE

Para um artista, todas as imaginações são permitidas, até mesmo aquela que ultrapassa a fronteira da sanidade mental. Felizmente, você nunca foi violento, mon cher.

MOLIÈRE

Eles estavam tão lindos e formosos fazendo amor. Baron tem um músculo de vinte centímetros e o dorso de uma estátua grega. Armande possui uma pele de pêssego em cor de alabastro. Por que eu iria destruir a beleza? Jamais! Acho que desapontei Racine.

MADELEINE

Não, Racine ainda confia em você. Ele quer que você faça o protagonista de sua terceira tragédia. Acha que ninguém faria melhor... Sabe qual é o título? A tragédia do cornudo.

*Madeleine entrega a Molière um texto teatral, onde se lê o seguinte título:
A TRAGÉDIA DO CORNUDO.*

Madeleine se retira.

CENA 10 - Dos suplícios às delícias

Música. Cenário se acende e vemos Molière envolvido por um jardim pintado. Luz e música. Ele continua com a garrucha na mão. Entra Armande como se viesse das compras.

ARMANDE

O outono cai bem em Paris. A cidade fica elegante. Fiz algumas compras.

MOLIÈRE

Senhora, não minta! Não o mereço!

Armande, ao ver a garrucha, fica nervosa e fala umas palavras incompreensíveis.

MOLIÈRE

Agora é tarde demais para se desculpar! E por que está falando em aramaico?

ARMANDE

Porque no texto está escrito, dizer palavras incompreensíveis.

MOLIÈRE

A mentira, senhora, é a raiz de todo pecado, inclusive do assassinato que estou prestes a cometer. *(aponta a garrucha em direção a Armande)*
Veritás purificam universum.

Armande leva a mão ao peito que pulsa em aflição.

ARMANDE

Como o senhor é culto!

MOLIÈRE

Não toque nos seus seios! Ao perseguir a verdade, estou lhe dando uma lição de ética.

Luz muda de intensidade. Adquire tonalidades fortes e dramáticas.

ARMANDE

A verdade é que estou perdidamente apaixonada por outro homem! Por favor, me perdoe! O senhor tem sido um verdadeiro pai para mim. Mas eu amo outro, amo outro, amo outro e amo outro.

MOLIÈRE

Estou extasiado e embriagado pela sua sinceridade. Suba! Já para o quarto!

ARMANDE

Não, ela agora não vai para o quarto!

Molière dá uma bofetada em Armande.

ARMANDE

Eu amo ele, amo ele e amo ele.

Entra Baron, segurando um ramo de flores e uma faca reluzente.

MOLIÈRE

Me obedeça: para o quarto! Oh Sol, seu brilho zomba da minha gonorréia!

Molière tem um acesso de tosse.

A coxia se acende e vemos Racine acompanhando o ensaio de seu texto.

RACINE

Não, não, está tudo errado! Não foi isso que eu escrevi. A sua personagem, o cornudo, grita: para o quarto! Oh Sol, seu brilho zomba da minha infelicidade!

BARON

E a gonorréia não deixa as pessoas infelizes?

ARMANDE

Já não agüento mais falar “amo, amo, amo e amo”. O texto está repleto de repetições. Cansei.

RACINE

O ensaio geral é hoje a noite, especialmente para Sua Excelência Reverendíssima o Bispo.

MOLIÈRE

A minha tosse convenceu?

RACINE

Não! Sua tosse parece uma asma. E além do mais, a todo instante, você deturpa meu texto e exagera na interpretação, com uma entonação caricata e cômica.

MOLIÈRE

Ah! É?! O que entende o senhor da arte de interpretar? No mundo da emoção não existe regra nem limite! Pelo menos, nos deixe trabalhar! Fora daqui! Desapareça do palco!

Madeleine se aproxima de Racine, que fecha o texto com raiva.

Ela lhe toma pelo braço e eles se afastam.

Luz do palco cai em resistência, enquanto um foco de luz acompanha ambos. Madeleine segura um bule de café.

RACINE

(Exibindo o tic) Madame, só há uma coisa mais cruel do que não ter talento: é não ser compreendido. Molière brinca com sua própria desgraça e, no processo, destrói as minhas frases que são dolorosas e épicas.

MADELEINE

Acalme-se. Por que não experimenta um pouco de café? Garanto que vai lhe fazer bem.

Madeleine coloca a mão no traseiro de Racine.

RACINE

Madame! Por que pôs a sua mão aí embaixo?

MADELEINE

Porque estou possuída pela fúria do amor cafeínico. Essa frase não é sua, Jean Racine?

Madeleine se agarra a Racine e o beija na boca.

Luz cai em resistência e música de Lully toma conta.

CENA 11 - A barafunda, a farsa e o bispo

Molière e a trupe continuam ensaiando O CORNUDO.

Também a plêiade de mediocridades é iluminada ou se apresenta em silhueta. Eles riem e aplaudem.

No palco.

MOLIÈRE

Estão todos os dois perdoados!

ARMANDE

O que vou te dar em troca?

MOLIÈRE

Me ame, me ame, me ame!

ARMANDE

Parece um gato miando!

Risos da plêiade na platéia. Na coxia.

BISPO

Racine! Você me prometeu um Molière amargo, desesperado e sem a vulgaridade que tanto me ofende e me exaspera.

RACINE

Ele destruiu meu texto! Fez da minha tragédia uma farsa! Ele nem parece se importar com o fato de ser um cornudo!

BISPO

Todos riem. Vou perder a aposta. Não foi isso que eu lhe pedi. Lembre-se de que a sua vida está em jogo.

MOLIÈRE

Que prova de amor quer que eu te dê, ingrata? Que arranque minha mandíbula?

ARMANDE

Vou chorar até meus olhos explodirem.

BARON

Estou disposto a tudo para demonstrar minha paixão, inclusive me ver livre da minha fimose de estimação.

Mais risos da platéia.

RACINE

Ouviu? Estão mudando todo o meu texto!

BISPO

Tome as devidas providências. Quando o Rei vier para o teatro, eu quero que ele veja um Molière deprimido e arrasado. Do contrário, o senhor irá para a Bastilha.

RACINE

Tive uma idéia: vou escrever uma tragédia grega. O que pensa dos sete de Tebas? Aquela família que, cega de poder, se consumiu em ódio até a morte?

BISPO

Racine: o teatro influencia demais o povo e o Rei. A tragédia precisa substituir a comédia o mais depressa possível, porque só um teatro banhado em lágrimas e uma História escrita com sangue faz de um país uma nação civilizada!

O Bispo se retira. Mudança de luz. Racine corre para Madeleine. Platéia (plêiade) e palco (Molière e sua trupe) ficam estáticos.

RACINE

(Exibindo o tic) Por favor, Madeleine, me ajude! Sem a sua interferência, irei para a Bastilha.

MADELEINE

Como quer que eu o ajude?

RACINE

Acabei de escrever a minha quarta tragédia.

MADELEINE

Espero que seja em cinco atos e bem comprida!

RACINE

Senhora! O que fará para convencer Molière a ensaiar uma nova peça em cima da hora?

Luz sobre Molière.

MADELEINE

Molière! Pelas minhas contas, dentro de três milhões oitocentos e vinte e sete segundos você será encarcerado na Bastilha. E posteriormente decapitado.

MOLIÈRE

Do que está falando, Madeleine?

MADELEINE

A tragédia do Cornudo é inspirada na vida do General. Paris inteiro já fofoca. E não existe Rei que detenha a fúria de um General ultrajado.

MOLIÈRE

Que coisa? Estava certo de que era inspirada na vida de outra pessoa. E agora? O que faremos?

MADELEINE

Você tem alguma peça no seu repertório, mon cher? ... Foi o que pensei. Então seu destino está nas mãos de Racine. Pois o Rei exige outra peça imediatamente.

Instantes. Luz sobre Molière se apaga.

Música intensa.

CENA 12 - Sexo, nero e violino

Foco de luz. O Rei e o pajem dançam. Em seguida, o Rei se retira, o pajem se aproxima do proscênio e bate, com um bastão, três vezes no chão.

PAJEM

(anunciando em voz alta) O Rei da França fornicar!

Enquanto isso, no palco, Molière, Armande, Baron e Madeleine se preparam para uma encenação. Molière coloca uma coroa, veste uma túnica e maqueia o rosto com um pó-de-arroz branquíssimo. Baron se veste de gladiador e as mulheres se cobrem com diáfanas túnicas gregas. Todos os rostos recebem o pó-de-arroz branquíssimo.

Lully começa a tocar um violino.

Pajem volta à luz.

PAJEM

(anunciando em voz alta) O Rei da França acabou de fornicar!

Entra a plêiade de ilustríssimas mediocridades, depois o Bispo, La Fontaine e o General.

PAJEM

(anunciando em voz alta) O Rei da França vai ao Teatro!

Entra o Rei, sentando-se num pequeno trono. O palco se ilumina, as cortinas se abrem e Molière começa a encenação com sua trupe. Molière faz o papel de Creonte, Armande de Antígona, Baron de Átala e Madeleine de Olímpia. A peça chama-se “Os irmãos inimigos” de Racine.

Há uma mudança geral na atmosfera do espetáculo. Em outras palavras, a iluminação se apresenta mais sombria, os figurinos mais pesados e a encenação contida e séria.

ANTÍGONA

Finalmente irás reinar, Creonte.
Os tebanos te aclamam, o trono te espera,
Desfruta do prazer da grandeza.
Quanto a mim, tudo o que me resta é chorar
A morte de teu filho, meu amado noivo.

O Rei da França suspira e muda de posição no seu trono, não sabemos se comovido ou entediado.

CREONTE

Antígona, és tu quem deves reinar;
Ocupa o trono que te pertence.
Quero depor a coroa a teus pés.

ANTÍGONA

Eu a recusaria mesmo que oferecida
Pelos próprios deuses. **(Sai)**

ÁTALA

Achas que conquistarás Antígona?

CREONTE

Não sei o que me fascina mais, o poder ou Antígona. Espera, Olímpia se aproxima.

OLÍMPIA

Ah caro senhor, quanta infelicidade!
A princesa está morta!

CREONTE

Antígona, morta?

OLÍMPIA

Nem bem eu havia entrado em seu quarto
E a princesa, segurando o mesmo punhal
Com que a Rainha se matara, cravou-o em seu
Belo e alvo seio com tamanha fúria, que não tive
Tempo de impedi-la. No meio do sangue que
jorrava
A pobre Antígona tombou. Mas tal era a força
De seu espírito que, antes de partir deste mundo,
A mais pura de todas as almas ainda conseguiu
Murmurar 'Meu querido noivo, este sacrifício
É em tua homenagem'. Então seu delicado corpo
Começou a esfriar entre os meus braços
E naquele momento achei que o meu coração
Pararia junto com o dela. Tudo o que peço agora

É que esta dor que sinto me leve deste mundo
Para as mais profundas trevas. *(Sai)*

CREONTE

Então abandonas quem te ama e aqueles olhos
Que me enfeitiçaram apagaste para sempre.
Mesmo que continues me odiando nos Infernos,
Querida Antígona, é para lá que vou ao teu
encontro
(Tenta se matar)

ÁTALA

(Impedindo-o) Não faça isso, meu senhor.

CREONTE

Não queiras salvar a vida de quem já está morto.
Acabai logo comigo, deuses cruéis, ou caireis
Em descrédito. Tudo que vos suplico
É que um golpe de raio esfacle este corpo
Criminoso. Para conquistar o trono, sacrifiquei
Toda a minha família e tantos outros
Que o meu peito explodirá de dor.
Já não suporto mais... Mil tormentos
Dilaceram a minha alma. Terra, abre as tuas
Entranhas e me engole para sempre.
Que só no inferno eu encontre repouso
Para esses crimes hediondos.
(Cai nos braços de Átala)

*Mudança de luz (luzes vermelhas crepitantes). Lully toca o violino.
Silêncio.*

O Rei chora.

Todos choram.

REI

Devo confessar a corte que experimentei uma nova emoção!

BISPO

O heróico e o solene agora habitam sua alma, majestade. Que Racine, o autor da peça, seja louvado!

Todos aplaudem.

GENERAL

Molière é passado. Sua majestade deve nomear um novo dramaturgo para a corte. Sugiro que Racine seja o escolhido!

REI

La Fontaine... Como conselheiro real, acha que Molière deva ser deixado para trás?

LA FONTAINE

Majestade! Do alto de sua sabedoria patricia, a mula disse para o asno...

REI

Basta de bichos!

LA FONTAINE

Sua Majestade sempre demonstrou ter bom senso, combinado com nobreza de caráter e um acurado julgamento dos homens e de seus caprichos.

REI

Molière... Hoje eu não ri!... Racine será meu novo dramaturgo.

BISPO

Majestade, se me permite, sugiro também que Racine seja elevado ao cargo de leitor real!

REI

Sugere, Reverendíssima?

BISPO

É que não pretendo cobrar de vossa majestade os cinco mil luíses de ouro que me deve... Afinal, o senhor chorou por uma nova França.

Tudo escuro.

Silêncio.

CENA 13 - O colibri cai nas garras do gavião

Um círculo de luz sobre Racine que coloca a peruca, se maqueia com pó-de-arroz e veste uma casaca de brocados. Molière se aproxima, triste e cabisbaixo.

MOLIÉRE

Que desastre! O Rei chorou e eu perdi tudo. Como pude ser tão ingênuo?

RACINE

(apresentando o tic nervoso com evidência) Nunca escondi de ninguém que sempre fui, sou e serei um autor trágico.

MOLIÉRE

Trágico? Para mim, você é uma tragédia de autor, isso sim.

RACINE

Seu momento acabou, Molière. Regras, princípios e padrões desaparecem a cada dia. O melhor é se conformar.

MOLIÉRE

O que será de mim? Da minha trupe? Vou acabar na Companhia Teatral du Marais, pedindo emprego para aqueles judeus trágicos.

RACINE

Não seja melodramático. O mundo é ordinário e você sabe disso. Somente a arte enobrece as pessoas.

MOLIÉRE

O mundo é presunçoso, como você acaba de demonstrar. Quanto a arte, ela serve para os homens rirem de si mesmos.

RACINE

Chega de retórica, Moliére. A nossa disputa não é pessoal.

MOLIÉRE

Quer dizer que você caga minha vida inteira e tem a desfaçatez de afirmar que não é pessoal?

RACINE

Lembre-se que Aristófanes e Eurípides também se desentenderam. Que Terêncio e Juvenal quase se mataram. É o que acontece quando autores cômicos convidam autores trágicos para beber vinho branco com ar.

MOLIÉRE

Mas confiei em você, Racine.

RACINE

Você foi humano demais sem a mínima necessidade.

MOLIÉRE

Creio que devo ter te amado muito, Racine, já que te escolhi para me destruir.

Música de Lully toma conta.

Luzes se apagam.

CENA 14 - O efeito imprevisível da hipnose

Foco de Luz. Entra o pajem e bate o bastão enquanto proclama em voz alta.

PAJEM

O Rei, muito preocupado, deita-se no leito real! O soberano da França pede seu travesseiro de ervas medicinais e soporíferas. Mas Sua Majestade não consegue dormir e exige a presença do leitor real. Entra M. Racine para ajudar o grande Luís XIV.

Racine senta-se junto ao rei, que mantém os olhos abertos, e lê.

RACINE

É chegada a hora de imitar o Sol que, por vezes, permite que nuvens pestilentas ocultem sua beleza para depois se revelar em todo o seu esplendor. Ao expulsar do firmamento a neblina que ameaça asfixiá-lo, o Sol se faz adorado por aqueles que se alimentam de sua luz. Mas o astro rei mostra o seu poder apenas quando lhe apraz. Assim, quanto menos o mundo acreditar na minha salvação, mais eu poderei surpreendê-lo ao abandonar esta vida desregrada. O metal precioso realça melhor o seu brilho em um ambiente sombrio. Redimir-se quando os homens menos esperam é uma arte da qual só os mais hábeis estrategistas possuem o segredo.

REI

Quem escreveu isso?

RACINE

William Shakespeare, Sire, um dramaturgo inglês.

REI

Nada mal... para um inglês.

RACINE

Atrevo-me a dizer, Majestade, que ele é tão bom quanto Molière.

REI

Tão bom quanto Racine? (*Luz cai em resistência.*)

CENA 15 - Tristezas aos bocados

Luz no camarim de Molière. Madeleine e Molière encaixotam roupas e objetos num baú. Entra Armande, gritando. Atrás dela vem Baron, irado e angustiado.

BARON

Cadela! Encontrei essa cabrita com outro homem!

MOLIÈRE

E o que espera que eu faça?

BARON

Ela é sua mulher. Tome alguma providência!

MADELEINE

Ela é sua enteada. Tome alguma providência!

MOLIÈRE

Ela é uma infeliz que não sabe o que quer da vida!

MADELEINE

Armande, minha filha, a festa acabou. Dentro de setenta e sete horas, estaremos pelas ruas de Paris como simples saltimbancos.

MOLIÈRE

Jamais! Tentarei o impossível! Juro que voltarei a representar nesse teatro!

MADELEINE

Coitado. Sonha como se fosse uma criança.

BARON

Ninguém vai dar uma sova em Armande?

MOLIÈRE

Tão sarcástica comigo, Madeleine, por quê?

MADELEINE

Porque merece.

MOLIÈRE

Que caráter estranho é o seu... Nele não existe gratidão.

MADELEINE

Gratidão!? Por você? Que transformou minha filha numa rameira e me expulsou de sua vida como se fosse um trapo usado.

Molière tem um acesso de tosse.

MADELEINE

Fique sabendo que entrei em êxtase quando vi o Rei chorar e aguardo ansiosamente pelas suas lágrimas, Molière.

Nesse instante, entra o pajem, usando a máscara da tragédia e trazendo uma mensagem para Molière.

PAJEM

Mensagem para Monsieur de Molière! **(bate o bastão no chão)** Uma intimação da Academia Francesa de Letras!

Instantes. Molière pára de tossir e olha perplexo a sua volta.

MOLIÈRE

Nunca. Chorar nunca. Só se for chorar de rir.

Acordes de Lully.

A trupe de Molière se retira. Todos tristes.

O palco do teatro Palais-Royal se transforma na Academia Francesa de Letras. Molière se envolve no manto de brocados e coloca a peruca.

CENA 16 - Amargo chá da academia de letras

Na Academia Francesa de Letras, La Fontaine está lendo trechos de Racine. Ao ver Molière, interrompe a leitura.

LA FONTAINE

A corte já chama Racine de “o poeta do século”, o César do idioma francês. Com ele, nossa língua alcançou um esplendor que jamais será sobrepujado.

MOLIÈRE

Ele se tornou, então, o leão da semântica. Ou seria o elefante da metáfora? Com certeza, uma serpente trágica.

LA FONTAINE

Por quê a comparação com bichos? Por acaso, está fazendo alguma alusão às minhas fábulas?

MOLIÈRE

Longe disso! É uma alusão à bicharada aristocrática que só pensa em Césares, Fedras e Cleópatras. No falso classicismo de Racine!

LA FONTAINE

Meça suas palavras! Você acabou de receber uma intimação da Academia Francesa de Letras. Com certeza, quer saber a razão?

MOLIÈRE

Creio que sua boca em bico de tucano vai me proporcionar a resposta.

LA FONTAINE

A Academia pretende abrir um processo contra todos os seus textos teatrais por falta de decoro.

MOLIÈRE

Impossível! O Rei nunca irá permitir!

LA FONTAINE

O Rei está muito longe daqui. Ele seguiu para Flandres com todo o seu exército.

MOLIÈRE

(Tosse) Então a paixão infantil dos homens pela guerra alcançou o resultado desejado. A lágrima que o Rei derramou no teatro vai se transformar em sangue de verdade no campo de batalha.

Entra o Bispo.

TODOS JUNTOS

Excelência Reverendíssima!

BISPO

A imperfeição é a marca da condição humana e a virtude absoluta nosso maior desejo. Então lhe pergunto, Molière: por quê fazer espetáculos que celebram a imperfeição?

MOLIÈRE

Não se preocupe, reverendíssima! Na minha próxima peça vou discutir até que ponto a idéia de perfeição contém imperfeições!

BISPO

Insolente! Preste atenção: a arte deve mostrar a vida como ela deveria ser e não como é!

MOLIÈRE

Minha arte mostra a vida como sinto! Cheia de imperfeições, como o sorriso de um tolo. E sem desejos pela virtude absoluta. Seguindo esse invejável raciocínio, Sua Reverendíssima deveria proibir minhas comédias.

Entram Racine e Gonçalo.

RACINE

É exatamente isso que Sua Reverendíssima pretende: que a Academia proíba a encenação de qualquer comédia no reino.

MOLIÈRE

(Tosse) Isso é ridículo! O mandatário da Academia jamais permitirá um ato tão... *(tosse)* tão...

LA FONTAINE

Racine é o novo mandatário da Academia. Desde ontem.

MOLIÈRE

...Que... Magnífica... **(tosse)** ...Merda!

Gonçalo enche uma taça de vinho.

GONÇALO

Beba um pouco, vai lhe fazer bem.

BISPO

Não devemos nunca mais tocar nessa taça! Ele está tísico. A tuberculose é contagiosa.

MOLIÈRE

(tossindo) É asma. Asma.

Molière coloca um lenço na boca, tentando conter a tosse.

BISPO

Asma?! Molière é um mentiroso incorrigível. Tanto talento desperdiçado para criar o nada. Como todos sabem, obras de teatro são textos escritos por mentirosos profissionais.

Molière se aproxima de Racine.

RACINE

É por isso que são chamados de ficção, Reverendíssima.

BISPO

Graças a Deus que Racine, o César do nosso idioma, não terá mais que escrevê-los, já que, por minha interferência, será nomeado historiador do Rei.

Todos surpresos.

Molière segura Racine pela gola da casaca.

MOLIÈRE

Não permita que essa gente sacrifique a liberdade de seus sonhos e o transforme num escriba medíocre, **(tosse)** que terá, por obrigação, de anotar e adornar os feitos do Rei. **(tosse)** O segredo do coração dos homens não pode ser capturado pela força, somente pela imaginação de um artista. **(tosse)** Jean, Jean, não deixe que a Academia proíba a comédia, isso será apenas o começo do fim. Jean, meu inimigo, não permita que eles destruam a nossa capacidade de criar. **(tosse)** A nossa mentira... O Teatro.

Uma golfada de sangue desce pela boca e tinge o lenço de Molière. Perplexo, larga o lenço, que cai aos pés de Racine. Este tem um tic nervoso.

Racine se emociona. Algo se quebra e entenece seu interior. Ele se transforma. Todos estáticos.

Foco no lenço manchado de sangue. Racine faz menção de apanhar o lenço mas, após uma hesitação, recua.

Luz cai.

Lully inicia o rufar dos tambores, anunciando a guerra.

CENA 17 - Oh! que delícia de guerra

O Rei caminha debaixo de um guarda-sol gigante e todo de brocados. O pajem segura o cabo do guarda-sol e segue o Rei, para a esquerda e para a direita, para trás e para frente.

Molière, segurando uma pequena sombrinha, tenta acompanhar o Rei e o pajem.

REI

Qual a razão de todos esses conflitos, Molière?

MOLIÈRE

Querem destruir a comédia, majestade! É uma verdadeira guerra.

REI

A verdadeira guerra mora aqui em Flandres! Que interesse pode existir nas batalhas teatrais de Paris?

MOLIÈRE

Talvez elas sejam muito mais importantes do que sua majestade possa imaginar.

GENERAL

Majestade! Cinco mil ginetes estão enfileirados a oeste, dez mil soldados preparados ao sul e duzentos canhões carregados e apontados para as falanges inimigas.

REI

Escutou, Molière? Quando der a ordem de ataque, entrarei para a história!

MOLIÈRE

Tomara, majestade. Mas, se me permite, também existe a possibilidade de sua majestade entrar para a galeria dos conquistadores sanguinários.

GENERAL

Não dê ouvidos a esse lunático, meu comandante em chefe!

MOLIÈRE

Majestade, não dê a ordem, eu lhe imploro. Porque se for por falta de sangue, posso providenciar um pouco para o alto comando.

*Molière tosse e mostra um enorme lenço, manchado de sangue, para o Rei.
Silêncio.*

Por instantes, o Rei e o General ficam estáticos e petrificados.

GENERAL

Sangue, majestade!!!

Subitamente, o Rei dá uma gargalhada.

REI

Sempre com seus truques de teatro. Um verdadeiro mágico, que me traz alegria nos momentos mais inesperados. Realmente, um artista. Agora atenção que darei a ordem de ataque.

Lully rufa os tambores com intensidade.

Subitamente tudo escuro.

Depois escuta-se gritos e uivos assustadores, enquanto uma explosão (talvez da boca de um canhão que aparece no proscênio) irrompe pelo palco, na forma de uma espessa e densa fumaça branca.

CENA 18 - Um lugar abstrato no meio da rua

Uma diáfana cortina, semitransparente, corre pelo palco. Atrás, ainda envoltos na fumaça, Molière, Armande, Madeleine e Baron caminham a esmo. Carregam valises. Demonstram cansaço e desânimo.

Eles falam com o olhar perdido.

BARON

A guerra acabou com um saldo de cinco mil inválidos e um único território conquistado pela França.

ARMANDE

Quatro de fevereiro de 1673. A Academia Francesa, a Igreja e o Palácio Real discutem a sorte de Molière.

MADELEINE

O Bispo de Paris faz um sermão inflamado na Igreja de Notre Dame, pedindo a excomunhão do escritor. Após a missa, os mais devotos planejam incendiar a casa de Molière.

BARON

Mas ele não está lá.

MADELEINE

Caminha enfermo pelas ruas de Paris.

ARMANDE

Ele e sua trupe.

Eles passam a contracenar.

MADELEINE

(Para Molière) Algum dia vai me desculpar?

MOLIÈRE

Sem sua matemática não seria ninguém. No início, não tinha a mínima idéia de qual era a raiz quadrada de 436.921. Agora tenho. Como também reconheço que, apesar de tudo, nos amamos. Acredito que no futuro, algum dramaturgo irá escrever: obrigado por me traír.

ARMANDE

Meu Jean, para onde estamos indo? Para o sanatório?

MOLIÈRE

Quantas vezes vou ter que repetir que não tenho tuberculose! É só uma asma.

BARON

Respeite a doença do seu pai, quer dizer do seu padrasto, ou melhor, do seu marido. Afinal, o que ela é?

MOLIÈRE

Sua amante, Baron. Minha esposa, e também minha enteada. Mas não se preocupe muito com isso. Relações familiares foram, são e sempre serão muito confusas. Por isso servem de excelente material dramático. *(tosse)*

MADELEINE

Por favor, pare de fingir. Isso é tuberculose. Vamos procurar um médico, encontrar um sanatório.

MOLIÈRE

Ah! Minha querida Madeleine, acaba de me dar uma grande idéia. Baron, traga o baú!

MADELEINE

O que significa isso? Está delirando?

MOLIÈRE

Armande, pena e tinteiro!

Baron empurra o baú para Molière sentar. Armande lhe entrega a pena e o tinteiro.

MOLIÈRE

Madeleine, o papel.

MADELEINE

Não quero ser cúmplice dessa farsa macabra, meu amor! Você está doente, está sofrendo.

MOLIÈRE

Se deseja ficar comigo até o final, me deixe escrever. É a única coisa que faço bem.

Madeleine lhe dá os papéis em branco. Baron segura o tinteiro e a pena. Instantes.

Molière escreve.

MOLIÈRE

Quando Madeleine disse ‘pare de fingir’, tive a luz.

ARMANDE

Ele está vivo de novo! Já sinto comichão nas costas.

BARON

Qual será o título da peça, mestre?

MOLIÈRE

O doente imaginário!

Luz cai em resistência. Lully toca a corneta real. Entra o Pajem.

CENA 19 - Reviravoltas no climax da história

Luz sobre os aposentos reais, onde o Rei, envolto num mar de agasalhos, caminha de um lado para o outro.

Pajem se aproxima do proscênio e com seu bastão anuncia.

PAJEM

(anunciando em voz alta) O Rei não fornicava! Está ansioso, buscando o seu lugar na História! Como se perde a todo instante, solicita a presença de Racine, leitor real, dramaturgo da corte, mandatário principal da Academia de Letras, Conde de Romanet e futuro historiador de sua majestade.

Entra Racine, enquanto Pajem se retira.

REI

Como entrarei para a História?

RACINE

A História funciona pela franja do imponderável. Numa esfera onde nenhum lugar é definitivo.

REI

Isso quer dizer que hoje posso ser considerado um héroi e amanhã...

RACINE

...Um conquistador sanguinário, majestade. Que semeou pelo Reino incontáveis viúvas, órfãos e mutilados.

REI

Como é traiçoeira a História! Volúvel como a moda!

RACINE

Nem tanto. Na história da arte só existem heróis.

REI

Não sou um artista, sou um Rei! Embora a arte me fascine e me possua tanto quanto a guerra. Onde você quer chegar?

RACINE

É bem possível que esse minúsculo planeta venha a posicioná-lo na História como um vilão execrável, não como um mecenas.

REI

Um vilão execrável, eu!? Por quê?

RACINE

O Bispo excomungou Molière. A Academia, por minha sórdida influência, proibiu as peças de Molière. Presumo, majestade, que seu reinado possa entrar para a História como aquele que permitiu essa dupla injustiça.

REI

Absurdo! Por que não dei ouvidos a Molière? O homem que sempre me fez rir não pode, nem deve, ser importunado.

RACINE

Diria mais. A imaginação de Molière é rara demais para ser corrigida por quem quer que seja, original demais para ser proibida e humana demais para ser esquecida. Creio, por tudo isso, que as peças de Molière serão mais eternas do que seu reinado e os meus textos.

REI

Conde de Romanet! Como castigo pelo que fez com Molière, o senhor não será mais meu historiador!

RACINE

Terei essa humilhação sempre presente no fundo da alma. Mas lhe agradeço o castigo.

Entra o Pajem com seu bastão e anuncia.

PAJEM

O Bispo de Paris!

Sai o Pajem, entra o Bispo.

REI

Desexcomungue Molière!

BISPO

Com todo respeito, Sua Majestade reina sobre seus súditos, mas quanto às atribuições da Igreja, sou eu que...

REI

Desexcomungue Molière imediatamente ou Sua Excelência Reverendíssima sairá de meu palácio sem sua reverendíssima cabeça!

BISPO

Racine, nos defenda! Não seja insensível à nossa causa.

RACINE

Insensível, Reverendíssima, é quem paga o tributo reservado ao sorriso com o desprezo. Agora entendo: por desprezar a comédia, traí a arte dramática. O Teatro. Esta sim, minha verdadeira causa.

Luz cai. Tudo escuro. Silêncio.

CENA 20 - Morrer com molière e ser feliz

Estamos no palco do teatro Palais-Royal. Molière veste um camisolão branco, enquanto Armande, Madeleine e Baron se preparam para entrar em cena.

As cortinas do teatro estão fechadas. Escuta-se um burburinho de vozes ao fundo.

ARMANDE

Vai morrer em cena! O médico disse que você não tem forças para aguentar o espetáculo.

MOLIÈRE

(Tosse) Os médicos não sabem nada. Batizam as doenças com uns nomes incompreensíveis, a natureza nos mata e eles nos mandam a conta. Bela profissão.

MADELEINE

Não adianta, Armande.

Baron olha através de uma fenda na cortina.

BARON

O teatro Palais-Royal está cheio. Platéia lotada. Todas as ilustríssimas mediocridades vieram.

MOLIÈRE

E alguém esperava coisa melhor? *(Tosse)* Mandem abrir as cortinas!

ARMANDE

Por que não se poupa? Espere só até o dia da apresentação para o Rei. Afinal, ele foi tão generoso. Recuperou seus títulos, seu prestígio, seus privilégios e ainda lhe deu uma pensão extra de oitocentas moedas de ouro.

MOLIÈRE

Conheço os poderosos. O Reino precisa da minha comédia para apagar a memória da guerra, das injustiças, da fome e da violência.

MADELEINE

Pense bem, Molière! Um cômico morrendo em cena seria uma tragédia.

Nesse instante, Racine entra no palco.

À exceção de Molière, ninguém sorri ou cumprimenta Racine.

MADELEINE

Chegou o derradeiro motivo para não encenarmos “O doente Imaginário” essa noite.

ARMANDE

O que o maléfico bombom da vaidade está fazendo aqui?

Baron dá uma cusparada no chão e se vai.

Madeleine e Armande também se retiram.

MOLIÈRE

Eles não sabem que foi graças a sua interferência que eu recuperei o meu teatro.

RACINE

Trago uma mensagem secreta do Rei.

MOLIÈRE

Sirva-se de vinho.

Racine serve duas taças de vinho. Eles bebem.

MOLIÈRE

Veio ver o espetáculo? O hipocondríaco, o personagem que eu represento, vive eternamente de camisolão. **(tosse)** Escrevi uma peça muito cômoda para mim. Posso tossir, desmaiar, suar, empalidecer em cena e a platéia ri. Acho que poderia até morrer no meio da peça que ela seguiria funcionando.

RACINE

Mesmo quando lutamos seriamente um contra o outro, acho que continuamos irmãos na profundidade do nosso ofício.

MOLIÈRE

Você possui uma misteriosa vocação para tristeza e o falar complicado. Quando converso comigo mesmo sobre a minha loucura romântica, simplesmente sorrio.

RACINE

Sorte sua. Já eu me tornei um escritor burocrático, barroco e rococó.

MOLIÈRE

Anda muito amargo. Lembre-se: a amargura faz mal ao fígado.

RACINE

Não, ando irônico. Quando a tragédia se acomoda, vira ironia.

Entra Baron.

BARON

O que faço, Molière? Mando abrir as cortinas ou devolvo o dinheiro ao público?

Molière tosse. Racine faz um sinal e Baron se vai.

MOLIÈRE

Não se preocupe. Não penso em morrer hoje. Mas um dia será inevitável. Quero me entregar a morte devagar e em silêncio. Dando pedaço por pedaço do meu corpo, como um amante que se entrega ao prazer até se esquecer de si mesmo. A propósito, essa frase é de Sócrates.

RACINE

Sócrates!? Não. Tenho certeza de que não é dele.

MOLIÈRE

Melhor. Fica para mim. Passa a ser de minha autoria.

Racine começa a rir alto, numa expressão de alegria verdadeira. (É a primeira vez que o vemos rir).

MOLIÈRE

Você está rindo.

Instantes. Molière começa a chorar docemente, numa expressão de tristeza verdadeira. (É a primeira vez que o vemos chorar).

RACINE

Por fim te vejo chorar.

Instantes.

MOLIÈRE

Tenho medo de morrer. Pavor mesmo. **(tosse)** Antes que me esqueça: qual é a mensagem secreta do Rei?

RACINE

Ele mandou dizer... que eu serei esquecido, ficarei guardado neste tempo como prisioneiro do passado, enquanto suas peças, Molière, viverão para sempre.

Música de Lully toma conta.

Cortina se abre. Vemos todos os outros personagens em silhueta.

Molière tosse e golfa sangue, sujando o camisolão. (que fica manchado como na cena 1).

Racine é capturado por um foco de luz. (igual como na cena 1).

Cenografia, vestuário e atmosfera voltam a ficar idênticos ao da primeira cena.

RACINE

Molière não morreu naquela noite, nem em cena. Morreu uma semana depois, em sua casa. Na cama. Ele chegou do teatro, deitou-se, pediu uma canja, tomou-a e se foi. **(pausa)** Como escrevi na peça encomendada pelo Rei Sol e que os senhores acabaram de assistir, Jean morreu sereno e suas últimas palavras foram singelas e emocionadas. Foi quando Armande perguntou a ele se queria mais alguma coisa. Então Molière respondeu:

Foco sobre Molière, que todo sujo de sangue faz uma reverência.

MOLIÈRE

Querido público, obrigado por ter vindo ao teatro!

À Deus.

Música de Lully toma conta. Tudo escuro.

Fim.

EM JANEIRO DE 2000, NO RIO DE JANEIRO.

DOC COMPARATO

CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Productiones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPAÑA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCONTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUESES</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1997/1998
<i>HOSPITAL</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER – MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÉSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN TELEVISION) – 1993

<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV) – 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV) – 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO GOSTA</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) – 1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF PORTUGAL</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>ME AQUILLO PARA SOÑAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) – 1989
<i>NAZCA</i>	(SPAIN TV) – 1988
<i>LONGSDORFF</i>	(SOVIETIC TV) – 1988
<i>A BOCA DO INFERNO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
<i>TIETA DO AGRESTE</i>	(RAI / ITALIAN TV) – 1986
<i>O TEMPO E O VENTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>O INSPETOR GERAL</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A VIDA SECRETA DE BERENICE</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A PATA DO MACACO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A DAMA DAS CAMÉLIAS</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>MALU MULHER</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>LAMPIÃO E MARIA BONITA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>OS AMORES DE CASTRO ALVES</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>PLANTÃO DE POLÍCIA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1981
<i>E AGORA, MARCOS?</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

TEATRO (AUTOR)

<i>NOSTRADAMUS</i>	(ROMA / ITÁLIA) 2003
<i>NO CÍRCULO DAS LUZES</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002
<i>MIGUELANGELO</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001
<i>NOSTRADAMUS</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999
<i>K. DANCE</i>	(PARIS / FRANÇA) 1989
<i>NOSTRADAMUS</i>	(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86
<i>A INCRÍVEL VIAGEM</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984
<i>O BEIJO DA LOUCA</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981

AS TIAS
O NOVÍSSIMO TESTAMENTO

(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980
(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

LITERATURA E DRAMATURGIA

SCRIVERE UM FILM
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI
VON DER ENTDCKUN DES PARADIESES

(DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002
(ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002
(ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY)
2000

EL GUIÓN
EL GUIÓN
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
ME ALUGO PARA SONHAR

(2nd EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000
(3rd EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999
(ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998
(ED. PLANETA, MÉXICO) 1998
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998
(ED. PLANETA, SPAIN) 1998
(ED. ROCCO, BRASIL) 1997
(ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL)
1997

ME AQUILLO PARA SOÑAR
EL GUIÓN
ME AQUILLO PARA SOÑAR
DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO
ARNAU, ELS DIES SECRETS
DA CRIAÇÃO AO GUIÃO
DE LA CREACIÓN AL GUIÓN

(OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997
(OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997
(ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995
(ED. ROCCO, BRASIL) 1995
(ED. PROA, SPAIN) 1994
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1988

TV AO VIVO DEPOIMENTOS
PADRE CÍCERO
ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO
EL GUIÓ

(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988
(ED. RECORD, BRASIL) 1984
(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983
(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE
BARCELONA, SPAIN) 1983

EL GUION

(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1983

EL GUIÓN
AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS
O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2
SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS

(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983
(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981
(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981
(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

LIVROS INFANTIS

A INCRÍVEL VIAGEM
NADISTAS E TUDISTAS

(EBAL, BRASIL) 1984

(EBAL, BRASIL) 1984

PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e cosultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de

Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augustini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismanes* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

Brasileira de Letras para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição Nº 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficción Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.

Trabalhos específicos para a
Rede Globo



SERIADOS:

PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL

06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS

27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM

24/08/1979 - VERMELHO 23

31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO

28/09/1979 - BALÃO APAGADO

19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO

30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE

28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE

25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO

09/07/1980 - O ACORDO

16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU

01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA

15/10/1980 - PEGA

10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS

17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA

05/05/1981 - TREM NOTURNO

04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE

11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I

18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II

25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III

03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV

13/08/1981 - OLHO DA MORTE

03/09/1981 - O HERDEIRO

MALU MULHER: (Autor)

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA

18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

MULHER: (Autor)

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

MINISSÉRIES: (Autor e Criador)

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:

CASO ESPECIAL: (Autor)

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

BRASIL 500 ANOS: (Autor)

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

TRABALHOS COMO ATOR:

MINISSÉRIE

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

TELENOVELA

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

QUARTA NOBRE

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.

Obras teatrais do autor

TRILOGIA DO AMANHÃ©

(Peças escritas entre 1977 e 1982)

PLÊIADES ou Pequenas Cirurgias para Aracnídeos.

O BEIJO DA LOUCA© – (Prêmio Serviço Nacional do Teatro, Brasil, 1979)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS©.

TRILOGIA DO TEMPO©

(Peças escritas entre 1985 e 2000)

NOSTRADAMUS© (O prisioneiro do Futuro) – (Prêmio ANA MAGNANI/STAZIONE, Itália, 2003/2004)

MIGHELANGELOS© (O prisioneiro do Presente) – (Para a comemoração dos 500 anos de descoberta do Brasil, 2000)

O CÍRCULO DAS LUZES© (O prisioneiro do Passado)

TRILOGIA DA IMAGINAÇÃO©

(Peças e projetos a partir de 2000)

SEMPRE© (Ou, o Caso da Moça de Gargantilha ou na Intimidade das Coisas) – (Escrito em Barcelona, 2003)

JAMAIS© (**Calabar, um elogio à traição Ou Na posse das coisas**)
(Escrito em Barcelona, fevereiro de 2006)

ETERNO© (**ou Xanadu, no limite da criatividade ou No inalcançável das coisas**) – (Escrito em Copacabana, Julho de 2006).

OUTROS TEXTOS

A INCRIVEL VIAGEM© (Ou, O Inacreditável é Possível, o Impossível não é) – (1985 - Peça Infantil)

AS TIAS © com Aguinaldo Silva (1982)

LIÇÃO Nº 18© (1995/2004)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS© (1987) (Revisto)

“A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA e OUTRAS HISTÓRIAS” © (2011)